

**XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO
COPED/2026**
09 A 11 DE JUNHO



**EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS**



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Michely Gonçalves Mota de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
michely_mota@yahoo.com.br
Dorivaldo Batista de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
dorivaldob715@gmail.com
Luiz Carlos Marinho de Araújo
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
marinhoaluz@hotmail.com
Helder dos Anjos Augusto
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
matacuane@gmail.com

Eixo: Saberes e Práticas Educativas

Palavras-chave: Educação antirracista; Racismo; Relações étnico raciais.

Relato de Experiência

Esta análise se originou de uma prática pedagógica desenvolvida em sala de aula no ensino superior cuja temática se tratava das relações étnico-raciais na sociedade contemporânea, considerando seus fundamentos históricos, sociais e políticos. A aula fez parte das atividades desenvolvidas na disciplina obrigatória - Estágio e Docência, no curso de Engenharia de Alimentos ofertada pela primeira autora deste trabalho estudante de um Programa de Pós-Graduação de uma instituição pública federal. Diante deste contexto, o estudo propõe refletir e problematizar as questões voltadas a educação antirracista a partir dos debates ocorridos durante a aula, que estava fundamentada na obra de Nilma Lino Gomes (2017). Nessa perspectiva se questiona: uma aula sobre relações étnico-raciais instiga a consciência crítica e tensiona as hierarquias epistemológicas na construção de uma prática pedagógica antirracista? Ao transformar a experiência em objeto de análise o texto tem como objetivo refletir sobre uma prática pedagógica voltada às relações étnico-raciais no ensino superior, compreendendo-a a partir dos conteúdos abordados como racismo estrutural, formação histórica das desigualdades raciais no Brasil, educação e práticas antirracistas. Além disso, foi possível discutir sobre racismo estrutural, branquitude, identidades e resistências. Esta pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores que discutem a educação como um processo de formação crítica. Parte-se do pressuposto de que a educação não é neutra, mas permeada por contextos históricos e sociais que implicam em escolhas (Freire, 2025). A educação torna-se espaço de disputas à medida que legitima e promove visões de mundo tornando urgente, conforme Gomes (2003, p. 21), o debate antirracista e a “superação de estereótipos raciais” na educação. Acredita-se que os debates ocorridos durante a aula tenham possibilitado a reflexão, mobilizando nos participantes a criticidade a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas como oportunidade de construção



de conhecimento. Dessa forma, discutir relações étnico-raciais cria na Universidade um espaço de onde emergem discursos, experiências pessoais ou silenciamentos. Refletir sobre a prática pedagógica permite ainda pensar em como se constrói uma prática crítica, seus limites e estratégias transformadoras.

Apresentação da experiência

A disciplina foi ministrada para dez graduandas do curso de Engenharia de Alimentos cursando 7º e 9º períodos, com duração de 2h/aula. Para isso, nos baseamos na ementa da disciplina proposta pelo curso de graduação que visa a problematização das relações étnico-raciais na contemporaneidade promovendo uma análise crítica e contextualizada desses processos. A aula foi planejada com base na perspectiva dialógica e participativa priorizando a construção coletiva do conhecimento articulando teoria e prática. De início, realizamos uma dinâmica com reflexões a partir da poesia e prosa de Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus e Eliane Potiguara (ano). Na oportunidade, as estudantes leram a poesia, selecionavam trechos e escreviam em um cartão o significado da leitura. Os cartões foram lidos e colocados no centro da sala de aula. As palavras mais evidenciadas foram: pertencimento, resistir, racismo, resiliência, ressignificar, autoconhecimento, identidade, heterogeneidade de pessoas e culturas, silenciamento, revolução, escravidão, genocídio, força, revolta. A partir das referidas palavras, ocorreu a problematização com a inquietação: “Existe racismo no cotidiano universitário?” com isso, foi possível identificar o conhecimento prévio das estudantes acerca da temática. Após as discussões iniciais, intensificamos o debate com a explanação, fazendo uso dos textos de Carneiro (2011), Ribeiro (2019), Bento (2022), Karine (2023) e Gomes (2017). A discussão perpassou por conceitos sobre racismo estrutural, pacto da branquitude, dispositivo de racialidade, interseccionalidade, racismo e políticas afirmativas na Universidade. Foram lançadas a turma perguntas norteadoras sobre os conteúdos abordados articulando com dados científicos, apresentando a exemplos e experiências relatadas pelas estudantes. Na sequência da aula, disponibilizamos o texto “*O perigo de uma história única*” da autora Ngozi (2019) para a leitura. As estudantes foram convidadas a falar sobre o texto correlacionando a experiência da autora com suas próprias experiências. Observou-se que alguns conceitos trabalhados durante a aula já eram de conhecimento do grupo apesar de grande parte da turma não conhecer as autoras apresentadas. Algumas estudantes relataram experiências pessoais de racismo e sexismo bem como situações divulgadas nas mídias. Vale destacar, que nem todas as estudantes se expressaram nos debates. Para finalizar a aula, realizamos uma atividade avaliativa, na qual elas deveriam expressar suas compreensões a partir dos debates ocorridos na aula em forma de um texto reflexivo. Com a realização desta atividade, as estudantes conseguiram elaborar uma síntese do texto lido respondendo ao questionamento sobre como contribuir para uma educação antirracista na Universidade. As respostas dos textos expressaram o conhecimento da turma, bem como reflexões sobre estratégias cotidianas antirracistas.

Fundamentação teórica

A partir do pensamento de Gomes (2010), fica evidente que as mudanças na legislação educacional referentes a questão racial é fruto do tensionamento do Movimento Negro brasileiro bem como ações educativas informais produzindo novos saberes. As articulações de saberes sistematizados gerados pelo Movimento Negro trouxeram importantes



regulamentações como o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O campo educacional, é o espaço que mais se recebem pessoas marcadas pela desigualdade sociorracial e que tem seu saber deslegitimado (Gomes, 2017). Dessa forma aponta a pedagogia da diversidade (de raça, de gênero, de idade, de culturas) como alternativa de educação formal e não formal para a comunidade negra. Os movimentos sociais nas décadas de 1950 e 1960, bem como Paulo Freire, tiveram grande importância na reflexão sobre uma educação emancipadora. Nesse sentido, a contra hegemonia na educação opera no desdobramento pedagógico, a valorização da pluralidade epistemológica. Ao utilizar na aula as teorias produzidas por autoras negras brasileiras que problematizam desigualdades raciais, enfrentam o racismo estrutural e produzem novos conhecimentos incorporando memórias, experiências sob uma perspectiva crítica e diversidade de saberes abre-se a perspectivas emancipatórias. Ressalta-se ainda que ao recorrer a práticas dialógicas, interculturais e a valorização da fala dos estudantes se evidencia uma aproximação com os questionamentos apontados como necessários para se pensar a educação “fora do eixo do Norte e fora do cânone” assemelhando a Epistemologias do Sul descritas pela autora como “produzidas numa articulação estreita entre as experiências sociais, a produção teórica e os processos de formação humana (Gomes, 2017, p.139), tornando essencial os debates sobre a educação antirracista no contexto universitário.

Considerações finais

A relevância social de uma experiência pedagógica voltada a relações étnico-raciais leva a reflexão sobre as desigualdades históricas que estruturam a sociedade brasileira e o enfrentamento do racismo. A experiência não só transmite conteúdos, mas possibilita o pensar, o falar e o sentir. Assim, a educação produz novos sentidos não se limitando ao conteúdo dado fomentando o aspecto crítico de todo o processo formativo, bem como modificando os currículos valorizando os saberes negros e problematizando o racismo.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; OLIVEIRA, Fernanda Silva de; SOUZA, Kelly Cristina Cândida de. Diversidade étnico-racial e trajetórias docentes: um estudo etnográfico em escolas públicas. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 57-73.